

MASSAS VERBAIS: PROTOENSAIO SOBRE UMA DRAMATURGIA DAS MISCELÂNEAS

VERBAL MASSES: PROTOESSAY ABOUT A DRAMATURGY FROM PATCHWORKS

Sidnei Cruz

Sidnei Cruz

É dramaturgo, encenador e gestor cultural com mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais (FGV/RJ). Idealizou e coordenou o projeto Palco Giratório durante o período de 1998 a 2007. É autor dos livros Palco Giratório: uma difusão caleidoscópica das artes cênicas (2009) e Uma utopia da aldeia: cultura e coletividade anônima (2015). Dirigiu recentemente os seguintes espetáculos: Eugênia (2015), A Cuíca do Laurindo (2016) e Vaidades e tolices (2016).

Sidnei Cruz

He is a playwright, director and cultural manager with a master's degree in Cultural Goods and Social Projects (FGV / RJ). Idealized and coordinated the project Palco Giratório during the period of 1998 to 2007. He is the author of the books Palco Giratório: uma difusão caleidoscópica das artes cênicas (2009) and Uma utopia da aldeia: cultura e coletividade anônima (2015). He recently directed the following plays: Eugênia (2015), A Cuíca do Laurindo (2016) and Vaidades e tolices (2016).



RESUMO:

Misto de ensaio e texto dramático, Massas Verbais é uma antropofágica reflexão sobre o teatro e as questões que o assolam a partir da emergência das vanguardas europeias e suas ressonâncias na América Latina.

Palavras-chave: Texto; cena; autoria; vanguarda; antropofagia.

ABSTRACT:

Mix of dramatic text and essay, Massas Verbais is an anthropophagic reflection on the theater and the issues that plague it from the emergence of European vanguards and their resonances on Latin America.

Keywords: Text; scene; authorship; vanguard; anthropophagy.

MASSAS VERBAIS: PROTOENSAIO SOBRE UMA DRAMATURGIA DAS MISCELÂNEAS

Sidnei Cruz

Epígrafes: dobras no ringue

KUNIICHI UNO – O ato de eclipsar parece corresponder ao gesto de apagar uma escrita. Como já vimos, as letras eclipsam o branco, o branco eclipsa as letras. A escrita eclipsa a realidade, a realidade eclipsa a escrita. (...) Eclipsar é fazer desaparecer um outro, eclipsar-se é fazer aparecer um outro.

DANIEL LINS - A arte não procura a verdade. A verdade raramente suporta o confronto com o real. Toda a verdade é uma imensa mentira. O real é a arte. A verdade é a representação. A verdade é a doxa, o real é a experimentação, a razão órfã, a sede de aprender, de se deixar tomar pelo acaso ou pela surpresa inserida em todo acontecimento.

FOUCAULT - A formulação do tema pelo qual gostaria de começar, eu a tomei emprestado de Beckett: Que importa quem fala, alguém disse que importa quem fala. Nessa indiferença, acreditamos que é preciso reconhecer um dos princípios éticos fundamentais da escrita contemporânea. (...) Pode-se dizer, inicialmente, que a escrita de hoje se libertou do tema expressão: ela se basta a si mesma, e, por consequência não está obrigada à forma da interioridade; ela se identifica com sua própria exterioridade desdobrada.

YOKO ONO - Conte todas as palavras da (peça) ao invés de lê-las. (Ou representá-las).

PRÓLOGOS

I

Compromisso do Hierofonte (Voz no escuro).

Estamos nas ruínas misturadas de um mundo. (...) Vossa imaginação terá de quebrar tumultos para satisfazer as exigências da bilheteria.

II

Instruções aos leitores/espectadores

(subindo na tela como se faz com os créditos finais em filmes):

1. O texto deve ser visto em voz alta;
2. Pode, também, ser lido no escuro;
3. As citações nunca são ao pé da letra;
4. Referências são consideradas parcerias;
5. Não é necessário acompanhar a narrativa linearmente;
6. A desordem dos atos de fato altera a percepção;
7. Personagens, pessoas e personas são manifestações mutantes do real;
8. Tudo é escrita, tudo é Teatro;
9. As "massas verbais" que em última análise formam o texto teatral arranjado na tela branca pelo autor, não lhes pertencem;
10. Nada é de ninguém; isso vale para a Dramaturgia, também;
11. Recomendamos uma taça de vinho antes, durante e depois;
12. Miscelânea (e-mails, hipertextos, internet, quadrinhos, revistas, músicas, vídeos, filmes, bulas, manifestos, facebook, poemas, sonhos, livros, bilhetes, cartas, certidões, tatuagens, pixações etc).

III

PEÇA DE CORTE: (Luminoso vintage neon tipo cabaré)

YOKO ONO - Membros do público podem vir ao palco - um de cada vez - para cortar um Pequeno pedaço da roupa da performer para levar consigo.

Escurece.

ATO 1

Esquartejando Rosalind (e enxertos)

Ouve-se John Cage.

No palco, as cortinas estão fechadas. Na plateia, os leitores abrem seus livros. Primeiro sinal. Segundo sinal. Terceiro sinal. A luz da plateia de leitores apaga lentamente. Os livros se fecham. As cortinas se abrem. Um foco aceso sobre uma coluna vertical de 3 m de altura, com 60 cm de largura, parece uma escultura de Robert Morris. Durante 3 minutos nada acontece. De repente, a coluna desaba. Mais 3 minutos de total silêncio. O foco apaga. As cortinas fecham. A luz da plateia acende. Os leitores abrem os livros. Seguem 3 minutos de leitura silenciosa. Luz da plateia apaga. Fim da música.

ATO 10

No café do teatro. Dois sujeitos estão sentados nos sanitários “fantasmas” de Claes Oldenburg.

DIRETOR - De forma alguma considero que chegamos a um impasse.

AUTOR - Como não?

DIRETOR - O seu texto está intacto.

AUTOR - Mas não integral!

DIRETOR - Integral?

AUTOR - Sim. Você fez cortes.

DIRETOR - Sim, alguns.

AUTOR - Significativos.

DIRETOR - Concordo.

AUTOR - Alguns cortes foram profundos.

DIRETOR - Não são cortes.

(silêncio)

DIRETOR - São tentativas de quebrar a regularidade, a continuidade do fluxo fabular do texto. Bom, digamos que seu texto não se manteve integral.

AUTOR - Digamos.

DIRETOR - Mas, isso o tornou pior?

AUTOR - Do meu ponto de vista, sim.

DIRETOR - Então, o seu ponto de vista é inflexível?

AUTOR - Como?

DIRETOR - Quero dizer: o seu ponto de vista é um ponto rígido demarcando um território?

AUTOR - Por que deveria ser flexível já que sou o autor?

DIRETOR - O único autor, você quer dizer.

AUTOR - Escrevi, que eu saiba, só.

DIRETOR - Certamente.

AUTOR - O ato solitário do escritor.

DIRETOR - Isso, na literatura, vai bem, mas no teatro é outra coisa.

AUTOR - Minha assinatura, minha vida.

DIRETOR – Parece um slogan. Mas, o fato de você assinar seu nome não diz nada sobre o escrito.

AUTOR - Ah, não? A minha assinatura diz claramente que eu, sim, assumo! Que sou o responsável pelo escrito.

DIRETOR - O autor é um personagem, para início de conversa...

AUTOR - Ah, isso é conversa...

DIRETOR - O que um autor dispõe o diretor desarruma.

AUTOR - Isso sempre acaba mal.

DIRETOR - O texto teatral precisa acontecer para ser Dramaturgia.

AUTOR - Como é?

DIRETOR - O acontecimento é o "Grande Resultado". O acontecimento é a encenação.

AUTOR - Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa.

DIRETOR - O nome disso é distinção. De corpos.

Silêncio. Os dois bebem e fumam. Tempo. Ouve-se Erik Satie. Sobre eles é projetado o filme de um homem-sanduíche caminhando no meio da multidão. Quando o homem-sanduíche vai, vê-se nas suas costas a seguinte inscrição:

AMIR HADDAD - Cada vez que um diretor monta uma peça, ele estará reescrevendo da melhor maneira possível a peça que aquele autor escreveu.

Quando o homem-sanduíche volta, a placa no seu peito tem a seguinte inscrição:

VIVIEN LANDO – O texto teatral, entre falas e rubricas, é em última instância o embrião – às vezes mero pretexto – do Grande Resultado.

Fim da música e da projeção.

ATO 2

Mascarados (zorros modernos/Black Blocs) munidos de megafone, no meio do público. Ao fundo, ouve-se Redal Up, executada por Rahsaan Roland Kirk.

M1 – Todo autor é um monstro bicéfalo. Uma cabeça quando escreve, outra cabeça quando lê.

M2 – O processo de escrita é uma fricção entre essas duas cabeças: Titãs.

M1- O texto escrito pelo autor-escritor (o dramaturgo) é sempre uma obra inacabada.

M2- Mesmo que, paradoxalmente, ela exista de modo específico enquanto um fluxo planejado contendo ideia, desenvolvimento, informação, comunicação, conceito, estrutura, alegoria e pensamento.

M1 - Mas, para o olhar do diretor, que visa o suporte material do palco, a dramaturgia pré-escrita é um ponto de partida e nunca um fim.

M2 - Toda a gama de intenções em suspensão no texto do dramaturgo-escritor (autor) são meios para a cena, que podem ser dilatados ou transfigurados em consonância com o projeto de montagem cênica.

M1 - Neste sentido, a figura do dramaturgo-escritor (autor) que concebe a sua obra isoladamente, cede lugar para uma outra entidade criativa: o dramaturgo-espectador!

M2 – O dramaturgo-espectador (autor outro) acompanha o processo de criação do espetáculo na companhia do diretor, atores e demais componentes da equipe.

RUBENS REWALD – (**Entrando em cena vestido de cego, um Tirésias**) - O autor-espectador tem a possibilidade de criticar os seus “colegas” (escritor e leitor) e, em função de tais críticas, propor uma nova versão do texto.

DUETO (M1+M2) – Fora! Fú! Fora! O bom burguês!

RUBENS REWALD – (**Confuso**) Na verdade, o autor-espectador não vislumbra apenas “defeitos” do texto, mas também novas ideias e possibilidades (geralmente advindas de um ruído ou flutuação) que podem ser incorporadas ao texto.

DUETO (M1+M2) – Fora! Fú! Fora! Morte à gordura! Morte às adiposidades cerebrais!

RUBENS REWALD – (**Aturdido**) Enfim, o autor-espectador permite ao dramaturgo escrever e reescrever a peça à medida que ela vai sendo construída como corpo presente, encenada.

M1 +M2 + RUBENS - Fora! Fú! Fora com as corporações! Elas machucam as pessoas! Ódio e insulto! Ódio e raiva! Fora com as aristocracias cautelosas! Fora! Fú! Fora o bom burguês!

**Os três arrastam uma imensa bandeira negra sobre as cabeças do público,
indo na direção da saída do teatro.**

Fim da música.

ATO ZERO

Um minuto de silêncio em memória de Luís Antonio Martinez Corrêa (1950-1987).

ATO 3

Um sonho: música Ballet Mécanique 1925, de George Antheil.

BOCA 1 - O planeta Terra é uma grande prisão industrial. A população produz 24 horas por 2 horas de sono.

BOCA 2 - Todas as tarefas cotidianas (aparentemente normais) incluindo a “diversão, o estudo e o amor” são permeadas por “trabalho”.

BOCA 3 - Alguns grupos resistentes vivem à margem da “fábrica” (nome do centro de decisões e poder do planeta).

BOCA 4 - Dois bandos são perseguidos por suas diferentes capacidades em relação ao controle do sono e da vigília.

BOCA 5 - Um bando nômade de humanos destemidos e insones (ficam acordado 20 horas e dormem 4 horas/ podem ficar até 240 acordados) vive independente do sistema vigente na cidade (megalópoles em expansão?), se deslocando, fugindo da polícia capitalista que quer levá-los para um laboratório de pesquisa sobre o sono e o medo a fim descobrir como tornar a humanidade uma máquina de produzir sem interrupção.

BOCA 6 - Outro bando nômade composto por humanoides preguiçosos e sonolentos (dormem 20h e ficam acordados 4 horas /podem ficar até 240 horas dormindo) vive nas galerias subterrâneas dos esgotos das cidades.

Fim da música. Escurece.

CARTAZ-PROJEÇÃO - FOUCAULT - Em todo caso, uma coisa é certa, o corpo humano é o ator principal de todas as utopias. Afinal, uma das mais velhas utopias que os homens contaram para si mesmos não é o sonho de corpos imensos, desmesurados, que devorariam o espaço e dominariam o mundo? É a velha utopia dos gigantes. que encontramos no coração de tantas lendas, na Europa, na África, na Oceania, na Ásia, essa velha lenda que há tão longo tempo nutre a imaginação ocidental, de Prometeu a Gulliver.

Luz muda.

ATO 21

Um insight: Estrondo-zen dos tambores do grupo japonês Kodo.

1 - Afinal isso é um homem ou o quê?

2 - Um híbrido.

1 - No século XXI chamava-se travesti.

3 - Só mudou o nome, o gênero é o mesmo.

2 - Tem voz de criança, peito e bunda de mulher, genitália masculina, olhos de raposa, boca de Marilyn Moore e coxas de Beyoncé.

1 - Mexeu os olhos...

2 - Aplica no córtex.

3 - Ainda está sob o efeito do Provogil.

1 - Foi um teste. Vamos acompanhar a reação.

2 - 50% de risco...

1 - É Baixo. Se compararmos com os ganhos científicos apesar do fracasso da cirurgia...

- 3** - Se sobreviver, será um zumbi...
- 2** - Ficarà mais feio, mas será muito útil ao projeto.
- 3**- Mary Shelley teria inveja...
- 1** - Por que não fazemos um favor a ele e extraímos o pau?
- 2** - Será que ela vai gostar?
- 1**- Vamos saber logo que ele acordar.
- 3** - Ele, ela?
- 1**- Não importa.
- 2** - Dormir, acordar?
- 3** - Tanto faz.
- 2** - Coma, morte?
- 1** - Qual a diferença?
- 2** - Homem, besta?
- 1** - Fábula.
- 2** - Tempo, espaço?
- 1** - Abstração.
- 3** - Nada é Verdade.
- 1** - Nem a morte.
- 2** - Nem a natureza.
- 3** - Nem a humanidade.
- 2** - Não existe gente boa, livre, natural ou bela.
- 1** - Toda utopia é tola.

ATO 11

Música de Vershki Da Koreshki (Real Life of Plants).

Os gêmeos: dialogando consigo mesmo.

MICHEL - Em geral, a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis.

FOUCAULT - O Teatro, que é uma heterotopia, perfaz no retângulo da cena toda uma série de lugares estranhos.

MICHEL - O corpo é também um grande ator utópico, quando se trata de máscaras, de maquiagem e de tatuagem.

FOUCAULT - De todo modo, a máscara, a tatuagem, a pintura são operações pelas quais o corpo é arrancado de seu espaço próprio e projetado em um espaço outro.

ATO 69

Uma pichação num muro da avenida Brasil. A projeção dura o tempo que Kurt Schwitters leva para recitar o poema Ursonate.

O céu noturno é um direito meu.

ATO 10

Cortinas Fechadas. No proscênio.

A - Desde quando a fragmentação do texto teatral é considerada moderna?

B - Sei lá! Tentativa 1: quando o absoluto deixou de ser a norma?

A - Boa. Quero mais! Destrincha!

B - Tentativa 2: quando a ideia de unidade passou a ser considerada uma ficção da nossa percepção?

A - Ah, muito bom! Quem disse isso?

B - Importa saber isso agora? Aqui? Nesse momento?

A - Ok. Quem quiser saber que corra atrás das referências.

A - Só para lembrar: Qorpo-Santo vem antes dessa corja toda aí considerada vanguarda-surreal-absurda, heim!

B - Sim, sim. Incesto, obscenidade, homoafetividade, homens que engravidam, lesbianismo, grotesco, marionetes, fragmentos, estilhaços, dupla personalidade ou personalidade dividida, suas personagens mudam muitas vezes de nome, violência, divagações, fluxos de consciência, cinismo, metateatro...

A - Não foi em Paris, nem em Zurique, nem em Moscou, nem no inferno. Foi na província de Porto Alegre em 1866! Um gênio!

QORPO-SANTO – (**Levantando-se no meio do público**) As pessoas que quiserem levar à cena qualquer das Minhas Comédias – podem; bem como fazerem quaisquer ligeiras alterações, corrigir alguns erros e algumas faltas, quer de composição, quer de impressão, que a mim por numerosos estorvos – não foi possível.

A - Paramos por aqui ou vai continuar!

B - Tentativa 3: Cantos de Maldoror. Lautréamont põe numa mesa de autópsia o insólito encontro entre uma máquina de costuras com um guarda-chuva.

A - Surrealismo selvagem. Estranha realidade. Imprevisibilidade.

B - Tentativa 4: Os Ubus de Jarry: Rei Ubu, Ubu Agrilhado, Ubu Cornudo e Ubu no Outeiro.

A - É verdade, a gesta de Ubu! Nonsense. Marionetas. Cinismo. Destruição. Escândalo!

DELEUZE – (Passa correndo esbravejando) O pensamento de Jarry é, antes de tudo, teoria do signo: o signo não designa nem significa, mas mostra... É o mesmo que a coisa, porém não é idêntico a ela, mostra-a.

B - Tentativa 5: As mamãs de Tirésias, Apollinaire.

A - Tirésias de Homero ou de Ovídio?

B - Pouco importa. O que interessa é que Tirésias muda de sexo!

A - ah, esses franceses!

B - No caso de Lautréamont ele é uruguaio. Rsrs...

A - Isadore Ducasse, o subversivo.

B - Tentativa 6: Dadaísmo, Cabaré Voltaire.

A - Mas, espera aí! Essa turma negava qualquer noção de arte. Acreditavam na miscelânea, na dissolução dos gêneros!

B - Despojado de qualquer poder significativo. A força residia no ritmo, na entonação, no grito! Dada é nada!

A - O grande lance foi a descoberta da eficácia da espontaneidade.

B - Espectadores e artistas estavam num ringue. Subversão da unidade lógica pela unidade absurda, coerência primitiva, bárbara, selvagem, *xingamento*: Insulto ao público!

A - Opa! Isso é com o Peter Handke!

B - Ele veio depois, bem depois. E, aí já havia uma estrutura teatral, suas peças faladas...

PETER HANDKE – (Intervém da plateia) Vocês não estão assistindo a uma peça de teatro. Vocês estão no fogo cruzado, Vocês podem pegar fogo. Vocês cambadas de sem-pátria, escória, derrotistas, seus aprendizes de político, seus pegajoso, seus novos-ricos, seus ninguéns!

A – Obrigado, Peter. Voltemos ao Cabaré Voltaire. Dada é teatro do verbo...

GERTRUDE STEIN – (Jogando tomates em A e B) Toma! Alto lá! Toma! Tá pensado que tudo foi feito na Europa é? Toma! Escrevi 18 peças entre 1913 e 1928 impossíveis de se levar ao palco! Toma! Quer mais? E não me venha com essa baboseira de pós-dramático! É um espetáculo verbal, entendem? A linguagem é uma coisa real, não é uma imitação dos sons, das cores ou das emoções! Toma! Prefiro um teatro de risco, sem trama, sem personagens, com muita falta de sentido, contextos desmantelados, palavras e gestos fragmentados! Toma! Quando eu escrevo alguma coisa que alguém pode ver, então isso é uma peça para mim! Toma!

B – (Constrangido) – Thanks, sorry... continuando...os meninos de Zurique... gritavam...e faziam evoluções em torno do público, projeções cinematográficas, deformação da realidade, teatro da violência, desmistificação dos procedimentos teatrais...

A – As tias malvadas de Artaud!

B - Sim. Tá tudo junto e misturado. Artaud virou personagem e veio parar no Brasil.

A – Como assim?

B - Tentativa 6 : Artaud no Brasil, de José Roberto Aguiar:

Mudança de luz.

ARTAUD – Que país é este?

AGRIPINO – É o Brasil.

ARTAUD – Tem jeito de México.

AGRIPINO – Vou bater na porta.

MACUNAÍMA – Quem são vocês?

ARTAUD – Me chamo Antônio Artaud. Este é José Agripino de Paula.

MACUNAÍMA – Eu sou Macunaíma, o inconsciente coletivo do Brasil. Uma lenda.

ARTAUD – Eu como lendas.

AGRIPINO – Por que não entramos?

MACUNAÍMA - Por que não tem casa nenhuma. Isto é um cenário de papelão pintado. Aliás, vou dar um pontapé e derrubar tudo.

Mudança de luz.

B - Tentativa 7: Beckett.

A – Espera aí! Você pulou Maiakóvski!

B – Eu não estou seguindo nenhuma ordem...

A - Ah, mas deu a entender...

B – Tá bom... O Percevejo é uma extravagância futurista. Circo, comédia fantástica, grotesco, jingles publicitários, canções, ficção científica... é um emblema das vanguardas russas!

A – Um ambiente cheio de gigantes: Meyerhold, Eisenstein... e tinha a FEKS!

B – Sim. A fábrica do ator excêntrico! Actor: movimento mecanizado, con patines de ruedas en lugar de coturnos, una nariz que se enciende en lugar de máscara.

Interpretación: en lugar de movimiento, bufoneria; en lugar de mímica, mueca; en lugar de palabra, grito! Nos gusta más el culo de Charlot que las manos de Eleonora duse!

A- Sim... ora, ora... Manifiesto del excentricismo, 1922. Isso me escapou! (**Silêncio**) Mas...eu interrompi...Você dizia que Beckett... Ah! A fragmentação! O que é fragmentado é a situação dramática ou a personagem?

B - A questão em Beckett é a imutabilidade...

A - isso foi agora, na metade do século passado.

B - Tentativa 8: Woyzeck, Büchner.

A - Mandou bem. Romantismo. Um fragmento. O assassinato como obra de arte. Antes, bem antes...

B - Tentativa 9: Peléas e Melisanda, Maeterlinck.

B - Hummm.. está ficando complicado...o simbolismo. De onde veio e para onde vai, Melisanda?

A - Tentativa 10: Loretta Strong, a astronauta de Copi. Os ratos entrando pela buceta, pelo buraco do cú... como na canção de Skylab.

B - Ah, deu um salto! O travestimento! De novo um francês.

A - Rsrs, não. No caso é um argentino.

B- Hummm.. América do Sul, heim? Quem diria

A - No princípio era o caos. Nada estava separado. E hoje ainda é assim. Um autor é uma espécie de monstro de múltiplas cabeças e vísceras de outros-ele que são o Escritor, o leitor, o espectador, o ator...

B - O rapsodo!

MARIO BORTOLOTTO – (Atravessando a cena perseguido por um macaco que lhe dá tiros) “Você não gosta de escritores pq concorda com eles. Vc gosta de escritores pq eles escrevem de um jeito que te arreбата. Não se deve procurar afinidade com textos. (...) O que eu procuro é o texto que me derruba da cadeira. O que eu procuro é ficar perturbado diante da vida e do texto que pra mim é consequência de uma vida, caso contrário não faz o menor sentido. Eu procuro a tempestade, sempre. (...) Eu quero as tardes nubladas e os naufrágios. Mas acima de tudo, quero o texto que me proporcione cãibra em alto mar.

ENTREATOS:

das formas e dos usos

I

PROJEÇÃO SUPER-8: A dramaturgia coletiva do grupo In-cena de teatro, de Teófilo Otoni (MG), criada em 2017, para o espetáculo “ÀS MARGENS”, é expandida para os limites do teatro, da dança, do cinema, da música e dos rituais. Adentrando o território híbrido da performance afro-amerídia-mineiro-brasileira, onde cantar-dançar-batucar são os meios e as forças motrizes do espetáculo. A tessitura textual híbrida de cenas em movimento faz emergir do caldeirão de histórias do Vale do Mucuri as narrativas ancestrais postas ÀS MARGENS da sociedade. O texto é um tecido (pintura-grito-lamento-aboio-choro-batucada-marcha-máscara-palavra-respiração) que entrelaça camadas de fios originários de contextos e suportes múltiplos: entrevistas, poemas, canções, documentos, sonoridades, objetos, vídeos, indumentárias, máscaras e memórias.

II

ÁUDIO-SECRETÁRIA ELETRÔNICA: Contextos sociais, culturais, históricos, econômicos, políticos; sonhos, Bulas de remédios, manifestos, Poemas, bilhetes, recibos

O Percevejo Online | V. 9, n. 1 | p. 170-201 | jan. / jun. 2017

de depósito bancário, Manchete de Jornais, recortes de revistas Literárias, plágios de teses de doutorado, sinopses de filmes, princípios, meios e fins de romances do leste europeu, certidões de nascimento, de Casamento, de óbitos, laudos técnicos de obras condenadas, anotações de um ouvinte de aulas de Filosofia, cartas de Tchékhov ao seu editor Suvórin (Ter um teatro na capital, lidar com atores, atrizes e autores, tentar adivinhar o gosto do público, ver eternamente a cara dos jornalistas, que exigem ingressos e escrevem sabe-se lá onde – nada disso entusiasmo, só arrasa), fitas K-7 com palestras de Cioran, Frases da peça “Vai tomar no cú”, de Valérié Solanas, perdida por Andy Warhol (e por causa disso acabou levando um tiro da autora)... e mais o que você quiser que seja.

III

BULA DE REMÉDIO (Distribuído ao público): Multigrip: cápsulas de 400mg de paracetamol+ 4mg de maleato de clorfeniramina + 4mg de cloridrato de fenilefrina - embalagem contendo 20 ou 200 cápsulas. Uso oral - uso adulto. Informações ao paciente: 1. Para que este medicamento é indicado? Multigrip é indicado no tratamento dos sintomas de gripes e resfriados. É destinado ao alívio da congestão nasal, coriza, febre, dor de cabeça e dores musculares presentes nos estados gripais.

IV

ESCURO.

Ouve-se o registro histórico da gravação de Raoul Hausmann recitando seus Poèmes Phonetiques.

ATO 6

Coros envolvem os quatro lados da platéia.

Música de Kurt Weill e Bertolt Brecht.

CORO 1 – No início eram os ditirambos. E, então, as práticas de Criação Coletiva da Cena tiveram o seu apogeu a partir dos anos 1960 e o marco é o Living Theatre: Un grupo de personas se reúne. No hay autor para apoyarse en él y que te arrebatara el impulso creador. La creación colectiva como arma secreta del pueblo.

CORO 2 – Em 1977 o grupo TAL (Teatro de abertura lúdica) montou o espetáculo “SACOS E CANUDOS”, uma criação coletiva. O grupo sediado em Duque de Caxias, ganhou o Prêmio Molière na categoria especial...e num gesto de protesto jogou o troféu no lixo.

CORO 3 - A figura do Dramaturg (prática oriunda do Teatro Alemão), um profissional intermediário entre o diretor e o autor, começa a aparecer (Beth Rabetti, Fátima Saadi) no Teatro Brasileiro já nos anos 80.

CORO 4 – Em 1977, o grupo Garra Suburbana – sediado no Teatro Armando Gonzaga em Marechal Hermes - montou o espetáculo de criação coletiva “O HOMEM QUE NÃO DORMIA A TRINTA ANOS COM MEDO DE SER ASSALTADO”. A dramaturgia foi montada a partir de IMPROVISACÕES sobre leituras das páginas de crime dos JORNAIS cariocas e o texto submetido à polícia foi censurado na íntegra, inclusive o título.

CORO 1 – 1933, São Paulo, após ter tido o seu “O BAILADO DO DEUS MORTO” interrompido e proibido, Flávio de Carvalho, criador do Teatro de Experiência, envia um requerimento ao Chefe da Polícia: (...) Juntamos também aos nossos pedidos o de realizar O TEATRO IMPROVISADO: uma nova modalidade de teatro que requer um tipo de ator do nível intelectual superior. (...) O TEATRO IMPROVISADO tem um grande alcance experimental porque nele serão reveladas formas dramáticas nunca vistas e da mais rara emoção. Vejam que 30 anos depois, o Living Theatre dirá: La improvisación está relacionada con la honradez y la honradez con la libertad y la libertad con la comida.

CORO 2 – 1920, Dada, manifesto sobre el amor débil y el amor amargo, lido em Paris por Tristan Tzara, parte VIII:

Pegue um jornal.

Pegue uma tesoura.

Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema (texto).

Recorte el artículo.

Recorte en seguida con cuidado cada una de las palabras que formam el artículo y métalas en una bolsa.

Agite suavemente.

Tire em seguida cada pedaço um após o outro.

Copie conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco.

El poema (texto) se parecerá a usted.

Y es usted un escritor infinitamente original e de una sensibilidad graciosa, aunque incomprendido do público.

CORO 3 - A partir dos anos 90 houve a ressignificação da ideia de Criação Coletiva como processo colaborativo. Ditirambo de novo.

ATO DO DIA

Cartaz: "ações controladas da polícia federal."

Dois personagens, nas extremidades do palco, sentados cada qual sobre sua mala e falando ao telefone.

EMPRESÁRIO - O Cunha quer 1 milhão pra ficar em silêncio.

PRESIDENTE - Tem de manter isso, viu?

EMPRESÁRIO - Xá comigo! Indica uma mula?

PRESIDENTE - É mula ou avião?

EMPRESÁRIO - Tanto faz. Tem que ser de confiança e aguentar o tranco.

PRESIDENTE - Sim. Tem um deputado aí bom pra isso. Tem expertise, foi eleito no estilo segundo império, "eleições de cacete" sabe como é?

EMPRESÁRIO – Isso é antigo!

CORO DE CAPANGAS

(de "como se fazia um deputado", levantando-se no meio da platéia):

Que o voto é livre
Ninguém duvida!
Por nossos amos
Demos a vida.

Pra todo aquele
Que for canalha,
Cacete em punho
Boa navalha.

Sejamos fortes
Em cabalar,
Que bom dinheiro
Vamos ganhar.

Pra todo aquele
Que for canalha,
Cacete em punho
Boa navalha.

EMPRESÁRIO - Tá fechado, então. Vou mandar junto 2 milhões pro Mineirinho pagar despesas com advogados na Lava-jato.

PRESIDENTE - Ele tem uma mula ou avião?

EMPRESÁRIO - Tem. Profissional. É o mesmo das operações anteriores. Mas ele tá paranoico.

PRESIDENTE - Não é novidade. Vive travado.

EMPRESÁRIO - Meu medo é que ele acabe cheirando tudo.

PRESIDENTE - Falei pra ele: para com isso! Faça como eu, escreva poesia ao invés de se entregar ao vício! Mas, é teimoso.

EMPRESÁRIO - Desconfia de todo mundo. Frisou que contato bom é aquele que se fizer merda a gente manda matar que ninguém dá falta. A gente mata antes dele delatar.

PRESIDENTE - Jamais. Chega de mortes. Aquele acidente de avião foi ousado. Precisamos de cautela.

EMPRESÁRIO - Ele é nervosinho.

PRESIDENTE - Não dá pra fazer duas viagens? É bom não misturar as coisas.

EMPRESÁRIO - Tá tudo junto e misturado já faz é tempo, chefe.

Rodrigo Loures atravessa o palco correndo carregando uma mala. Ele tropeça, a mala abre, espalhando o dinheiro que sobrevoa sobre o público. Os espectadores brigam pra pegar as notas.

PRESIDENTE - Hiiii... sujou!

EMPRESÁRIO - Vamo sair saindo!

PRESIDENTE - Tem de manter isso, viu?

Black-Out. Silêncio.

Ouve-se o Corta Jaca, de Chiquinha Gonzaga.

Projeção na tela CARTAZ:

EPÍLOGO:

O Rei da Vela: a rubrica como cena paródico-antropofágica

Luz no palco. Cortinas fechadas. 3 minutos de silêncio. Dois sujeitos entram e postam-se no centro do palco, encostados justamente onde as margens das cortinas se ajustam. Os sujeitos estão vestidos de branco como se fossem telas de Malevitch. O sujeito da direita tem a palavra "Oswald" inscrita em vertical sobre ele. o sujeito da esquerda tem a palavra "Maiakóvski" inscrita em vertical sobre ele. 3 minutos de silêncio. Eles trocam de lado. 3 minutos de silêncio. O telefone toca.

OSWALD - Não atenda.

MAIAKÓVSKI – Mas por quê?

OSWALD - É o ladrão.

MAIAKÓVSKI - E se for o Chefe do partido?

OSWALD - Dá no mesmo.

MAIAKÓVSKI - Pode ser um representante da classe.

OSWALD - Teatro de classe. Sindicato. Prêmios. Coisa de burguesia. A burguesia só produziu um teatro de classe.

MAIAKÓVSKI - Existe o teatro de massas. O teatro proletário.

OSWALD - Evoluímos! Só existe o teatro da espinafração.

3 minutos de silêncio.

O telefone toca.

OSWALD - Não atenda.

MAIAKÓVSKI - Mas por que vavá?

OSWALD - já disse, meu bem. É o ladrão.

MAIAKÓVSKI - E se for o camarada presidente?

OSWALD - "Ação controlada".

MAIAKÓVSKI - Como é menino?

OSWALD - Dá no mesmo. É o ladrão. Está telefonando pra saber se já morri. Truque de cinema, mas como no teatro não se conhece outro, ele usa o mesmo.

FLÁVIO DE CARVALHO - (Gritando da platéia) O Deus está morto!

CORO - Ah! Ah! Ah! Eh! Eh! Eh!

MAIAKÓVSKI - Isso tá no roteiro?

OSWALD - Tudo é roteiro.

FLÁVIO DE CARVALHO - Oh, deus taciturno e calado... nunca mais pastará entre as feras do mato...

CORO - Ah! Ah! Ah! Eh! Eh! Eh!

FLÁVIO DE CARVALHO - E os chifres? E os chifres de deus?

CORO - h! Ah! Ah! Para fazer pentes... Eh! Eh! Eh! Para fazer facas...

FLÁVIO DE CARVALHO – E as tripas do deus taciturno?

CORO – Ah! Ah! Ah! Para a grande sonda do mundo de amanhã... Eh! Eh! Eh!

FLÁVIO DE CARVALHO – E as glândulas? Os gânglios?

CORO – Ah! Ah! Ah! O deus mudou de sexo... Eh! Eh! Eh!

FLÁVIO DE CARVALHO – A psicanálise matou o deus!

CORO – Ah! Ah! Ah! Eh! Eh! Eh!

HERMAN BENJAMIN (Com sua toga de juiz) Não serei o coveiro da prova viva.
Posso participar do velório. Mas, não carregarei o caixão!

CORO – Ah! Ah! Ah! Eh! Eh! Eh!

3 minutos de silencio.

Ouve-se as 3 pancadas de Molière.

OSWALD - Uma ilha tropical na baía de Guanabara!

MAIAKÓVSKI - Moscou!

OSWALD - Durante o ato, pássaros assoviam exoticamente nas árvores brutais.

MAIAKÓVSKI - Sons de motor! Bonecas bailarinas mecânicas! Diretamente da Ópera de Moscou!

OSWALD - O mar... na praia ao lado

MAIAKÓVSKI- Um avião em repouso.

OSWALD - Barraca!

MAIAKÓVSKI - Guarda-sóis!

OSWALD - Um mastro com a bandeira americana...

MAIKÓVSKI- (Espanto) Outro com a bandeira russa!

OSWALD - No lugar da bandeira brasileira, uma palmeira!

MAIAKÓVSKI - Hummm...

OSWALD - A cena representa um terraço.

MAIKÓVSKI - A abertura dum escada ao fundo em comunicação com a areia.

OSWALD - Platibanda cor de aço com cactos verdes e coloridos em vasos negros.

MAIAKÓVSKI - Móveis mecânicos! Móveis mecânicos!

OSWALD - Bebidas e gelo!

MAIAKÓVSKI - Um rádio!

OSWALD - Uma rede do Amazonas!

MAIAKÓVSKI - Ah? O que é isso, meu bem?

OSWALD - É a prima pobre do divã futurista.

MAIAKÓVSKI - Ficção!

OSWALD - Não, fricção!

MAIAKÓVSKI - Beatificante!

OSWALD - Não, bestificante!

MAIAKÓVSKI - Os personagens se vestem pela mais furiosa fantasia burguesa e equatorial.

OSWALD - Morenas seminuas, homens esportivos, hermafroditas, menopausas.

MAIAKÓVSKI - Me dá 15 rublos e uma garrafa de vodca e eu transformarei sua festa de casamento num acontecimento histórico!

Música carnavalesca. Eles abrem a cortina. Um bloco de sujeitos por macunaíma cruza o palco em câmara lenta.

ZÉ CELSO – (Em sentido contrário cruza a cena como um velho sátiro) Oswald... devora todas as formas dramáticas possíveis... sua única fidelidade se encontra no sentido anárquico de apreensão do mundo, utilizando não somente as coisas em si, mas as formas artísticas e sub-artísticas através das quais essas coisas se expressam.

BLACK-OUT

Ouve-se a voz do HIEROFANTE saindo dos alto-falantes dispostos na plateia:

Respeitável público! Não vos pedimos palmas, pedimos bombeiros! Se quiserdes salvar as vossas tradições e a vossa moral, ide chamar os bombeiros ou se preferirdes a polícia! Somos como vós mesmos. Um imenso cadáver gangrenado! Salvai nossas podridões e talvez vos salvareis das fogueiras do mundo!

3 minutos de silêncio. Na negritude da noite brilha um capacete de bombeiro refletindo as chamas do incêndio. Os bombeiros movimentam-se rapidamente. Luz da platéia acende. Uma corneta chama os bombeiros. Eles se colocam em formação e saem marchando pelo teatro, recitando.

BOMBEIROS - Camaradas e cidadãos, o álcool é um veneno! Os bêbados podem facilmente queimar a República! Um fogareiro ou um fogão podem torrar a sua casa E a você também, cidadão! Incêndios são causados por sonhos mal-sonhados. Por isso nunca leve para ler na cama Putín, Trump, Temer ou Gilmar Mendes! Chamem os bombeiros!

PARCERIAS DE CONTEÚDOS ESCRITURAIS (OU PIRATARIAS INTERTEXTUAIS)

ANDRADE, Mário de. Ode ao Burguês. In: *Poesias Completas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

ANDRADE, Oswald de. *A Morta*. São Paulo: Globo, 1995.

ANDRADE, Oswald de. *Obras Completas VII. TEATRO*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

AGUILAR, José Roberto. Artaud no Brasil. In: *A Divina Comédia Brasileira*. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1981.

ANTHEIL, George. Ballet Mécanique 1925 (Musique du film abstrait de Fernand Léger/ Enregistrement Historique. In CD: *DADA et la musique*. Paris: Centre Pompidou/MUZA, 2005.

BECK, Julian. *El Living Theatre*. Madri/España: Editorial Fundamentos, 1974.

BEHAR, Henry. *Sobre El Teatro Dada y Surrealista*. Barcelona: Barral Editores, 1971.

BORTOLOTTTO, Mário. Postagem no Facebook, Mário Bortolottodois, em 23/5/2017, às 12h17.

CANDEIAS, Maria Lúcia Levi. *A Fragmentação da Personagem: no texto teatral*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CARVALHO, Flavio de. *A Origem Animal de Deus e O Bailado do Deus Morto*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

CRARY, Jonathan. *24/7 - Capitalismo Tardio e os Fins do Sono*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

COPI (Raul Damonte Botana). *Eva Perón, Loretta Strong, A Geladeira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

DELEUZE, GILLES. Um precursor desconhecido de Heidegger, Alfred Jarry. In: *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed.34, 1997.

DUPUIS-DÉRI, Francis. *Black Blocs*. São Paulo: Veneta, 2014.

FOUCAULT, Michel. O que é um Autor?. In: *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. *O Corpo Utópico, As Heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

HANDKE, Peter. *Peças faladas*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HADDAD, Amir. *Programa do espetáculo ANTÍGONA*. São Paulo: Teatro Anchieta/Sesc Consolação, 13/5 a 18/6/2017.

HAUSMANN, Raoul. Poèmes Phonétiques. Enregistrement Historique (1918). In CD: *DADA et la musique*. Paris: Centre Pompidou/MUZA, 2005.

JARRY, Alfred. *Ubu-Rey*. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.

JARRY, Alfred. *Ubu: Rei Ubu, Ubu Agrilhoado, Ubu Cornudo, Ubu no Outeiro*. Porto/Portugal: Campo das Letras, 2005.

JUNIOR, França. *Teatro de França Junior-Tomo II*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, Funarte, 1980.

KRAUS, Rosalind E. *Caminhos da Escultura Modena*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LIGIÉRO, Zeca. *CORPO A CORPO: estudos das performances brasileiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

LINS, DANIEL. Artes e Territórios sensíveis. In: *Das Artes e seus territórios sensíveis*. São Paulo: Intermeios, 2014.

MAIAKÓVSKI, Vladímir. *O Percevejo*. São Paulo: Editora 34, 2009.

MARTINEZ CORRÊA, José Celso. Zé Celso Matinez Corrêa. Primeiro Ato (org. Camargo, Ana). In: ROJO, Sara. *Teatro e Pulsão Anárquica: estudos teatrais no Brasil, Chile e*

Argentina. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

MIYADA, Paulo. Yoko Ono: A Arte das Instruções na Era dos Algoritmos. In: *O Céu Ainda É Azul, Você Sabe*. ONO, Yoko: São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2017.

ONO, Yoko. *O Céu Ainda É Azul, Você Sabe...* São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2017.

QORPO-SANTO. *Teatro Completo*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

RAPISARDA, Giusi. *Cine y vanguardia en lá Unión Soviética: Lá Fábrica del Actor Excéntrico (FEKS)*. Barcelona/Espanha: Editorial Gustavo Gili, S.A., 1978.

REWALD, Rubens. *Caos: dramaturgia*. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2005.

ROLAND KIRK, Rahsaan. Pedal Up. In Cd: *I, Eye, Aye*. Los Angeles: The Rhino/Atlantic Jazz Gallery (Recorded live at the Montreux Festival, 1972), 1996.

SCWITTERS, Kurt. Ursonate (1922 à 1932). Enregistrement Historique. In CD: *DADA et la musique*. Paris: Centre Pompidou/MUZA, 2005.

SCWITTERS, Kurt. Sonata Primordial (Ursonate 1922-1932). In: *Contos MÉRCIO*. Florianópolis: Ed.UFSC, 2013.

STEIN, Gertrude. *O que você está olhando: teatro (1913-1920)*. São Paulo: Iluminuras, 2014.

TCHÉKHOV, Anton. *Cartas a Suvórin (1886-1891)*. São Paulo: Edusp, 2002.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje*. Petrópolis: Vozes; Brasília, INL, 1976.

TZARA, Tristan. *Siete Manifestos DADA*. Barcelona/España: Fabula Tusquets Editores, 2009.

UNO, Kuniichi. *A Gênese de um corpo desconhecido*. São Paulo: n.1 edições, 2012.